



Um ano de genocídio, um ano de resistência palestina Pela unidade das massas mundiais para derrotar o sionismo e o imperialismo, atacando suas bases econômicas e interesses por todo o mundo!

Manifesto PPRI

 Completa-se um ano da nova fase do genocídio palestino, que começou há 76 anos com a criação do estado de Israel como enclave do imperialismo. De fora para dentro da realidade e da história dos povos árabes, se implantou uma fração da burguesia imperialista sobre a base da colonização, apartheid e opressão nacional sobre os palestinos e os árabes. As mentiras sionistas e imperialistas sobre os massacres de supostos “selvagens” terroristas são uma falsificação ideológica, para acobertar seu objetivo de expandir e colonizar toda a Palestina, o Líbano, parte da Síria e do Iraque. Para isso, sionistas e imperialistas recorrem aos massacres de civis, à destruição de toda a infraestrutura e serviços necessários à vida, às violações e torturas sistemáticas de presos, à destruição de moradias e expulsão de centenas de milhares de palestinos e libaneses de suas terras e casas, à brutal opressão

social e nacional, à guerra permanente, enfim, a transformar Oriente Médio em terra arrasada, e Gaza e Cisjordânia em campos de concentração e de extermínio em escala industrial, como fizeram os nazistas com os próprios judeus.

Está fartamente comprovada a inutilidade da pressão sobre os organismos internacionais e as resoluções jurídicas que nada servem para impedir o genocídio palestino e, agora, libanês. A Corte Internacional de Justiça (CIJ) resolveu processar os chefes sionistas por crimes de guerra e limpeza étnica. A ONU exigiu o embargo militar a Israel, e exigiu a retirada desse dos territórios anexados. Tirou da gaveta a proposta dos dois estados, que é uma armadilha erguida contra palestinos, para abandonar sua legítima resistência e combate contra seus opressores e genocidas. Uma manobra que serve aos governos árabes para bloquear a autodeterminação palestina conquis-

tada na luta, e negociar com os sionistas à custa do sangue dos palestinos. Que serve para trazer de novo à cena o traidor Mohamad Abbas e a cúmplice Autoridade Nacional Palestina, que dão as costas à destruição do Hamas e ao extermínio palestino para preservar seus interesses políticos e seus negócios com a burguesia sionista.

No Brasil, as eleições mostram que todos os partidos da ordem burguesa, desde a esquerda à extrema direita, estão, direta ou indiretamente, pela continuidade do genocídio, seja se omitindo (frente ampla burguesa), seja apoiando (a extrema direita). As direções sindicais e populares que sustentam o governo burguês de Lula/Alckmin não organizam os trabalhadores para fazer greves e ocupações, não radicalizam e massificam as manifestações de rua, favorecem assim, com sua inação, a demagogia do governo de falar de genocídio, enquanto continua financiando, com [continua | >](#)

envio de petróleo e compras de armas e tecnologia israelenses, o holocausto palestino. Comprar qualquer produto do Israel é financiar, ainda que seja com um centavo, sua maquinaria de extermínio, é ser cúmplice dos crimes e massacres. Diferentemente, a ruptura de contratos com qualquer empresa ou instituição israelense seria um golpe a sua capacidade de continuar o genocídio. É por decisão de Lula e interesses eleitorais que se bloqueia e impossibilita qualquer ação organizada e radicalizada dos trabalhadores brasileiros, atacando os interesses dos sionistas em nosso país. Trocam apoios, financiamento e votos por vias palestinas!

Todos os governos burgueses defendem o genocídio e o financiam, seguindo servilmente as ordens do amo imperialista norte-americano. Implementam-se restrições às liberdades de manifestação e organização, para impedir que a revolta das massas acabe atingindo os negócios da indústria militar e do capital financeiro, com o genocídio e os massacres de palestinos, libaneses e os povos árabes em geral. Por isso é que nenhum governo burguês está genuinamente pela paz, nem na Palestina e no Líbano, nem na Ucrânia, com exceção de um punhado de nações oprimidas, que a seguir passam a sofrer ameaças intervencionistas, de golpes de Estado ou cerco do imperialismo.

Somente as massas comprometidas com a vitória dos palestinos e que defendem sua autodeterminação, e hoje se colocam também ao lado dos libaneses e de sua resistência, combatem verdadeiramente pela vitória dos palestinos, apesar de sofrer de repressão e perseguição dos governos. Os ataques dos governos às massas mundiais, que cavaram sua trincheira internacionalista junto aos palestinos e contra o sionismo, têm por objetivo continuar as guerras e as intervenções que reportam elevados lucros ao capital financeiro, em meio ao retrocesso geral da indústria imperialista e de avanço das economias nacionalizadas sob controle das burocracias contrarrevolucionárias. As guerras travadas pelo imperialismo – seja se servindo de Israel ou da Ucrânia – tem por objetivo estratégico expandir o cerco militar sobre as fronteiras nacionais da Rússia e China, para destruir as

economias nacionalizadas pelas revoluções proletárias, e assim recompor as forças produtivas mundiais sob completo domínio monopolista. Para isso, devem derrubar as burocracias, destruir os Estados Operários, e estilhaçar a Rússia e a China em inúmeros estados étnicos e semicoloniais, aplicando neles o mesmo método e estratégia com a qual procedeu à divisão de Oriente Médio para impor seus interesses mais gerais. Entretanto, as burocracias russa e chinesa tudo fazem para negociar um cessar-fogo e retirar as forças militares que cercam a China e a Rússia na Ásia. Rejeitam prestar toda a ajuda necessária para que as massas palestinas, libanesas e árabes em geral derrotem o sionismo e o imperialismo, e conquistem sua autodeterminação nacional. E se transformaram em cúmplices do genocídio, e são também responsáveis pelo derramamento contínuo do sangue nas nações e povos oprimidos.

A obstinada e heróica resistência libanesa, palestina, houthi, as manifestações operárias e populares por todo o mundo contra o genocídio e pela ruptura dos acordos com Israel, já deixaram claro que existe uma alta da luta de classes, e também condições para a derrota do sionismo e do imperialismo. Na Europa, na América Latina, na Ásia, na África e nos EUA, realizam-se greves, ocupações, manifestações e até a destruição de equipamentos bélicos para impedir ou dificultar o funcionamento da maquinaria militar sionista e imperialista. As massas em luta criam condições para sua unificação por cima das fronteiras nacionais, capaz de derrotar o sionismo, suas burguesias e seus governos. Mas, não avançam em sua unificação e radicalização, porque está ausente sua direção revolucionária, que possa projetar essas tendências instintivamente revolucionárias do proletariado e dos oprimidos sob um programa comum, anti-imperialista e anticapitalista, partindo de suas experiências, e sem nunca conciliar com o programa e métodos de suas direções políticas e nacionais. Para dar passos em direção à sua independência e abrir caminho à luta revolucionária, as massas têm de travar uma guerra total contra os opressores e carniceiros em todos os países, abrindo dessa forma um caminho à derrocada revolucionária das

burguesias dos países imperialistas e das burocracias contrarrevolucionárias nos Estados Operários degenerados. A revolução política – derrubada revolucionária das burocracias governantes nos Estados Operários – é decisiva para preservar as conquistas revolucionárias ameaçadas de destruição pelo imperialismo, e para que o proletariado, retomando o poder e controle sobre a economia nacionalizada e estados operários, e coloque à disposição das nações e povos oprimidos todo o necessário para sua vitória!

Para os revolucionários, a vanguarda com consciência de classe e os que genuinamente estão ao lado dos palestinos e libaneses, o dia 7 de outubro deve ser lembrado e celebrado como um dos mais elevados atos da resistência palestina e de sua heróica determinação para lutar pela sua libertação, que será somente conquistada com a destruição do estado de Israel. Não há outra via para a emancipação e autodeterminação Palestina. Mas, só se poderá avançar por esse caminho se a vanguarda com consciência de classe se fundir à luta das massas e, em meio delas, defender a estratégia revolucionária da Palestina una e socialista, livre de opressão de classe e nacional, e que se erguerá como um elo na luta da emancipação dos povos árabes pela via dos Estados Unidos Socialistas de Oriente Médio.

Viva a resistência heroica dos povos e das organizações palestinas e libanesas! Pela derrota militar do sionismo e a destruição do Estado genocida e terrorista de Israel! Abaixo as burguesias e governos cúmplices do genocídio! Unificar a luta das massas mundiais sob o objetivo comum de estrangular as bases econômicas e políticas dos carniceiros do mundo! Pela unidade mundial dos oprimidos sob o programa da Palestina una e socialista e da revolução proletária por toda parte!